

tações bysantinas, slavas, russas, arabes, turcas, etc.

Emfim a quinta e ultima subdivisão : trata das civilizações contemporaneas, das civilizações primitivas, mas não tendo relações com ellas, porque não exerceram influencia alguma na marcha da civilização através as idades. Essa secção comprehende as habitações dos Chinezes, dos Japonezes, dos Esquimaus, dos Incas, dos Lapões, dos Astecas, dos Pelles-Vermelhas e dos povos da Africa equatorial, onde o homem ainda se conserva no estado selvagem.

Esta rua com cazas e habitações de todos os feitios, formatos e côres é muito mais interessante de que a famosa rua das Nações da Exposição de 1878.

A Exposição da habitação humana é ao mesmo tempo instructiva e pittoresca.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — OS VAPORES DOS ARMAZENS DO LOUVRE

O serviço dos visitantes da exposição, pelo Sena, é feito por quatro companhias que veem a ser :

A companhia dos vapores-moscas;

A companhia dos vapores-andorinhas;

A companhia dos vapores parisienses;

E agora a companhia dos vapores dos Armazens do Louvre.

Estes barcos são elegantissimos, todos repletos de ornamentações doiradas; lembram os nossos galeões reaes, tão conhecidos dos nossos leitores de Lisboa.

Os vapores do serviço da exposição, pertencentes á companhia dos Armazens do Louvre são tambem uma das curiosidades da exposição.

Todos os compradores do Louvre teem direito a um ou mais bilhetes d'ida e volta nos barcos a vapor, representados na nossa gravura da ultima pagina.



A MORTE DE LILI

Que fazes tu, creança, á chuva n'essa esquina, inquieta, a olhar além?...
E's tão mimosa, loura, anemica, franzina, toda um melindre, um ai, que se o relento vem póde transir-te, ó flor, ó setinoso fructo!
Mas tu, choras Lili?... Lili, estás de luto?...
Lili, já não tens mãe?...

Lili d'olhos azues, que é das risadas francas que se ouviam cantar?

Lili, que é do setim roseo das faces brancas, teu rir quaes pratos d'ouro, ou tymbales no ar? Narra ao meu coração os ais que te consomem; Loura, d'olhos azues, abala um peito d'homem vèr taes olhos chorar!

Porém, reparo agora : — uma mulher do enxurro falla comtigo e ri...

Passou um valdevino, e ouvi bem o sussuro d'um beijo enxovalhar-te a jaspea tez, Lili! O' melindrosa flor, orphã d' affectos ternos, ai de ti, se rolaste ao horror dos nove infernos.
Ai de ti! ai de ti!

Quem foi que te vendeu?... Foi tua mãe, um dia, cançada d'aguardar teu pae que vinha tarde ou ebrio d'uma orgia, sem ter deixado pão, nem lume para o lar? Quem foi que te vendeu, meiga pequena doce, seraphim do bordel, branco alfemim do alcouce, anjo do lupanar?

Quem foi que te vendeu, gracil pequena loura, loura da côr das eiras?

Quem foi que arremessou tua cantante aurora á enxerga do bordel e ao lodo das regueiras?... Quem desnastou, á chuva, o ouro d'essa trança?... Quem traficou comtigo, — alva e gentil creança de timidas maneiras?

Quem foi que te vendeu? Não tua mãe, decerto. Acaso existe alguém que tenha um jaspe assim, um ai, um lyrio aberto, e o lance para o enxurro, aos pés do deus Vintem? Não. A ignobil mulher que foi vender-te á praça, ao cobre do plebeu, e ao rir da populaça, não é, nem será mãe.

Quem te mandou á chuva, ó tremula innocente, vender-te a quem passava?

Escravatura branca horrivel do Occidente! mais abjecta que a negra e ainda mais escrava, para deixar assim laivar estas creanças, onde tem a Justiça então suas balanças, e a Lei a sua clava?

O que é que fazes tu, Ordem, ó dona séria, que empurras á prisão

o mugido da fome e o uivo da miséria, que ousam vir á villa a mendigar o pão e deixas traficar, nas ruas, ás esquinas, as creanças gentis, as jovens messalinas, que andam de mão em mão?

Rapariguita loura, ó lyrio sem raizes, tens rôxa e fria a tez.

Porém que importa agora a Themis e aos felizes que o teu corpinho trema ao frio e á timidez?... Por estes tempos maus de criticas finanças Themis levou á onzena o ouro das balanças, a Lei dorme talvez!

Eu creio até que a Lei, deusa d'antiga raça, vingadora d'heroes, teve um impeto e quiz vir proteger á praça os orphãosinhos nús. Foi-se vestir... depois, sentiu tão riço o vento a buzinar no tecto, que de novo mettu o seu nariz correcto debaixo dos lençoes.

Lili então narrou, com voz sumida... um ai... travando me da mão, que jamais conhecêra em toda a vida o pae, e a triste mãe dormia ha tempos, n'um caixão. Foi posta n'um convento a educar, d'esmola, e ahi n'esse pombal, antro, caverna, escola um padre, um padre, então...

Um padre, ó mães, um padre a polluir a infancia, um padre a conspurcar, sem magoa e sem rebuço, a angelica ignorancia, que não sabe o que é céu, mas que o fundiu no olhar, um padre, cauto e doce, a argamassar o crime de chafurdar no escuro esta creança... um vime... no chão do lupanar!

Monstruosa corrupção, historica moderna tu que ha tanto caminhas de nevróse em nevróse a podridão eterna, não te bastavam já as victimas que tinhas, nem teu abjecto rol do incesto e o adulterio, faltavam-te ainda mais os gózos de Tiberio; — os ais das creancinhas!

Deus ancião, deus do raio, — ó moralista assombro dos prophetas judeos, tu que assolaste outr'ora e que tornaste escombros o Mar Morto, com fogo e cólera dos ceus porque irritado agora, ó Vingador não lanças sobre estes gaviões rapaces das creanças algum raio dos teus?...
Pobre Lili, jamais a esperança d'um marido far-te-ha rosar de pejo!
Jamais tu ouvirás dos filhos o chilrido, Jamais verás n'um berço o sol do teu desejo. Jamais o emballarás, cantando as velhas rimas... Nenhum noivo, ai de ti! dar-te ha pelas vindimas, o seu primeiro beijo.

Lili não durou muito. — Exhausta um dia, á tarde, morreu n'uma caminha.

Morreu qual tenue luz que bruxoleia e arde, como ave que ao morrer esconde a cabecinha, morreu como uma flôr truncada pelo norte... E a sua mansa voz, ao approximar-se a morte, inda era mais mansinha.

Morreu qual passarinho — herva rasteira e ingloria n'um carreiro sem luz.

Ti ha uma tosse rouca, e lividez marmorea d'um rostinho em marfim d'um rigido Jesus. Tinha uma tosse rouca, estrangulada, frouxa. E fazia chorar vèr a magreza rôxa de seus bracinhos nús.

Morreu qual sópro, um ai, um coração que secca No escuro, sem ninguem.

Morreu, tendo estreitada ao peito uma bonéca, que fôra em seu viver, primeiro e ultimo bem, Com ella eu a enterrei n'um caixãozinho d'ave... E Lili, morta assim, levava um rir suave d'uma tristinha mãe...

O' creanças gentis, garrúlos passarinhos, vossa inquieta estroinice, vossos risos pueris mais musicaes que os ninhos dão mocidade á alma e alagam de meiguice! O' palceiros abris, vós sois, louros traquinas, rosas do nosso amor, as heras das ruinas, sol da nossa velhice.

Avesitas joviaes sois a remeniscencia da nossa infancia em flor...

Vossos louros anneis frisados da innocencia são cadeias que mais soldam ainda o amor, sois os risos do lar — e em horas de desgraça vossos bracinhos são a cruz a que se abraça á nossa grande dôr.

Dizem que vós fazeis um tal motim que alegre, insano, absurdo, atroz.

Porém, quando morreis, e uma cruzinha negra vos tapa o caixãozinho, e os paes se sentem sós... quando estão mudos lar, parques, jardins, terraços, e o ar nem de vós traz leve rumor de passos... então, choramos nós.

Assim morreu Lili, n'esta éra ferrea e dura d'insanias crapulosas.

Ninguem vai visitar essa cruzita obscura. Ninguem pendura n'ella as plantas graciosas. O globo continuou intrepido e tranquillo, a Ordem, séria dona, a fazer bem o chylo, e o Sol a fazer rozas.

GOMES LEAL.



BÉBÉ

BÉBÉ tem quasi seis annos; ha de fazel-os em Outubro. E' miudinha, limphatica, voluntariosa. Foi creada com doce. O seu pequenino corpo é de uma brancura lactea, assetinada, doentia. As pernas são tão fininhas, tão fininhas que parecem cordas de guitarra.

Bébé tem os olhos lindissimos; grandes e humidos. Fazem lembrar os longinquos horizontes aquaticos, de uma monotonia melancolica e vaga.

Bébé é a alegria do lar, a graça da familia, o encanto dos amigos da casa. Cobriram-n'a de beijos, banharam-n'a em mimos, vestiram-n'a de glorias. Quando ella, por acaso, tem um dito precoce, nervoso, infantil, os olhos de sua mãe dilatam-se em uma plenitude orgulhosa e feliz. E, á noite, quando as visitas chegam, repete-se em voz baixa o dito prodigioso e passam nos labios sorrisosinhos benevolos, feitos de pontos de admiração. E, Bébé, que parecia entretida, folheando um album, ouviu tudo, percebeu tudo com a sua pequenina orelha, de uma sensibilidade aguda e curiosa.

Bébé, nos appetites, nos gestos, na physionomia, parece-se muitissimo com sua mãe e nada, absolutamente nada, com seu pae. Uma vez, n'um jantar, uma senhora indiscreta fez esta observação á mãe da pequerrucha. *Ella* córou e *elle* fez-se pallido, extraordinariamente pallido...

Bébé tem vaidadesinhas incoerciveis, fortes, imperiosas, como certas essencias d'uma subtiliza penetrante, que se vendem ás gottas.

Bébé vae ao theatro. Chora com as peças adulteras; ri com as farças d'uma jovialidade gordurosa e cynica; aprende os gestos irritantes e convencionaes das actrizes da moda; depois, no outro dia, ao almoço, a Bébé, a innocente Bébé, canta uma copla obscena da comedia que ouvira na vespera. E a mãe abraça-a, beija-a, applaude-a, dá-lhe doces indigestos e diminutivos cariciosos.

Bébé usa luvas claras e botinas com saltos á Luiz XV. No verão, quando passeia nos jardins, ao meio dia, depois da missa, as luvas paralytam-lhe as mãos, as botas incendeiam-lhe os pés, a gomma dos vestidos brancos afogueia-lhe a carne tenrinha e delicada, e, comtudo, não chora, não se queixa, caminha hirta, orgulhosa, constringida e quando ella passa dizem as burguezas:

— Que galantina! Vae como um anjo!

Bébé acredita em bruxas, sabe o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 5.

Quando Bébé chegar aos 16 annos, será pallida e anemica e os seus olhos terão o brilho macerado e triste de que os medicos não gostam. Tocará Offenbach. Ha de rir muito para mostrar os dentes, que são alvos e bonitos. Terá desmaios, allucinações, nevralgias e o estomago fraco. Amará os alferes e os poetas lyricos. De resto não acreditará em bruxas, saberá o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 3.

Aos 22 annos, se casar rica, dará esmolas aos asylos. Deixará morrer de fome os parentes proximos. Trocará seu marido, que ha de ser gordo, pelo primeiro Arthur magro que lhe appareça. No dêdo minimo do pé direito terá um grande desgosto, sob fórma de callo. E, além de tudo isto, saberá o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 2.

Eu já o disse: Bébé, tu és a alegria do lar, a graça da familia, o encanto dos amigos da casa. Os teus sorrisos são vermelhos como as amoras e os teus gestos infantis, nervosos, miudinhos, teem, ás vezes, a graça sanguinea dos animaes innocentes. Depois, as tuas rabuges, as tuas impertinencias buliçosas nunca provocaram uma reprehensão, um olhar, uma palavra de enfado. Tens vivido uma vida serena, tepida, unctuosa, como as princezinhas felizes dos contos de fadas. Se tu morresses, tua mãe morreria de mago, diz ella. Teu pae, aquelle homem, grave e silencioso, que traz remontes nas botas e collarinhos amarellados pelo suor, que ganha duramente o pão alvo e branco, que vós comeis, elle, que falla pouco, porque em quanto tua mãe discute o talhe de um vestido, calcula quantas horas de trabalho serão necessarias para o comprar; elle, que, quando vós rides no theatro está pensando no vencimento de uma letra, na conta da modista, nas dividas do ménage, elle, Bébé, tão sombrio, tão triste, tão bilioso, ainda ás vezes, sabe encontrar para os teus beijos, só para os teus, um rosto clarificado e satisfeito.

Pois olha, Bébé, quando, ás vezes, te vejo passar na rua embonecada, frisada, pretenciosa, cheia de rendas, cheia de puffs, limpando angelicamente, com a ponta do dêdo minimo as pequeninas feridas do teu narizinho arrebitado e guloso, sabes, meu anjo, o que peço a Deus n'esse momento, o que lhe peço do fundo de todo o meu coração? E' que mande um garrotinho que te leve ao paraizo no espaço de 24 horas.

Eu bem sei que tua mãe ha de chorar muito, ha de querer morrer, mas não morrerá, socega, affianço-te eu. Não se morre de dôr aos 26 annos, quando se tem um amante, um remorso e um estomago forte.

Depois, os sinos, Bébé, não chorarão por ti as badaladas sombrias, as monstruosas lagrimas de bronze que choram por nós, que descemos á cova, roidos pelos vicios, mortos pelos desejos, verminados pelas paixões. Quando tu passares tocarão musicas alegres, vivazes, matinaes. Irás mettida dentro de um caixãozinho muito bonito, tão bonito como aquelles cofres preciosos que tua mãe observa, felizmente, nas grandes vidraças dos ourives. Por dentro, será forrado de setim branco e por fóra de setim azul com galões dourados. Irás mergulhada na espuma cariciosa das rendas de Bruxellas. As tuas mãosjnhas,

pallidas como marfim antigo, leval-as-has cruzadas sobre o peito. Adornarão a tua formosa cabeça com uma corôa de flores. E tua mãe, louca, febril, soluçante, imprimirá o seu ultimo beijo na tua face de uma pallidez de cêra transparente, com uns ligeiros toques esfumados da côr das violetas. Depois irás dormir no cemiterio dentro d'um sepulchrosinho de marmore branco, desenhado em Pariz.

D'este modo, Bébé, tu não chegarias a casar, o que seria uma fortuna para teu hypothetico marido, viverias no céu, ao pé do anjo Gabriel, que te daria muitos rebuçados, sem te perguntar a taboada, e eu, Bébé, eu, que te pareço tão máu e tão ingrato, comporia em tua memoria um soneto colorido, um soneto moderno, com rimas difíceis.

GUERRA JUNQUEIRO.

O JULGAMENTO DE PHRYNEA

*Mnezarete — a divina e pallida Phrynéa —
Comparece ante a austera e rigida assembléa
Do Areópago supremo. A Grecia inteira admira
Aquella formosura original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
De Hyperides á voz e á palheta de Apelles.*

*Quando os vinhos, na orgia, os convivas exaltam,
E das roupas, emfim, livres os corpos saltam,
Nenhuma hetère sabe a primorosa taça,
Transbordante de Cós, erguer com maior graça,
Nem mostrar, a sorrir, com mais gentil meneio,
Mais formoso quadril, nem mais nevado seio.*

*Estremecem no altar, ao contemplal-a, os deuses,
Nua, entre aclamações, nos festivaes de Eleusis...
Basta um rapido olhar provocante e lascivo:
Quem na frente o sentiu curva a frente, captivo...
Nada eguala o poder da suas mãos pequenas:
Basta um gesto; e a seus pés roja-se humilde Athenas...*

*Vae ser julgada. Um véo, tornando inda mais bella
Sua occulta nudez, mal os encantos véia,
Mal a nudez occulta e sensual disfarça.
Cae-lhe, espantada abaixo, a cabelleira esparsa...
Queda-se a multidão. Ergue-se Euthias... Falla,
E incita o tribunal severo a condemnal-a:*

*« — Eleusis profanou! E falsa e dissoluta,
Leva ao lar a siçania e as familias enluta!
Dos deuses zomba! E impia! é má! — (E o pranto ardente
Corre nas faces d'ella, em fios, lentamente...)
« — Por onde os passos move a corrupção se espria
E estende-se a discordia! Heliostes! condemnal-a! —
Vacilla o tribunal, ouvindo a voz que o doma...*

*Mas, de prompto, entre a turba Hyperides assoma,
Defende-lhe a innocencia, exclama, exora, pede.
Supplica, ordena, exige... O Areópago não cede.
« — Pois condemnal-a agora! — E á ré, que treme, a branca
Tunica despedaça, e o véo, que a encobre, arranca...*

*Pasmam subitamente os juizes deslumbrados,
— Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:
Nua e branca, de pé, patente á luz do dia
Todo o corpo ideal, Phrynéa apparecia
Diante da multidão attonita e surpresa,
No triumpho immortal da Carne e da Belleza.*

OLAVO BILAC

AS AGONIAS

*Meio dia. Um calor electrico. Parece
uma lamina d'oiro, irregular, a messe.
Anda na matta um bando arrulhador de rolas.
Tecendo o sol, zumbindo em torno das corollas,
Trabalham sem descanso as douradas abeihas.
Côr d'opalas, por sobre as papoilas vermelhas,
poisam languidamente as vagas borboletas.
Um ceu feito em cobalto. As azas irrequietas
erguem um branco vôo... Passa p'ra o cemiterio,
de preto, silencioso, um cortejo funereo...
Uma borboletita, acaso, foi cahir
sobre o lago, e um instante as aguas, a franzir
fazem tremer de manso, e levemente, a imagem
aos nenuphars d'oiro erguidos sobre a margem.
Depois... Mais nada! Muito unidas as azitas,
sem lucta, a borboleta afundou-se nas aguas...
E, sempre longe, sempre esphingico, sorrindo
o sorriso da luz, procreador, injindo,
o ceu nem sequer vê as dores infinitas,
nem reflecte sequer a immensidão das Maguas!*

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.



A REVISTA DAS REVISTAS

A CULTURA DAS FLORES PARA AS PERFUMARIAS

Do *Journal of the Society of Arts*:

« Ha cêrca de um seculo que a cultura das flôres em grande escala e a fabricacão de perfumes e essencias constituem no sul da França uma industria especial e lucrativa. O fabrico tem a sua principal séde em Grasse, departamento dos Alpes Maritimos, havendo-o tambem mais ou menos em Sommieres, Nimes, Nyons e Seillans.

» As flôres principalmente cultivadas são as violetas, junquillos e resedas ou minhonetes que, no geral, são colhidas em fevereiro, março e abril; as rosas e as flôres de laranjeira, o tomilho e o alecrim em maio e junho; os jasmims e tuberosas ou angelicas em julho e agosto; a verbena e o nardo em setembro, e a acacia em outubro e novembro. Colhem-se flôres nas tres quartes partes do anno, mas a época de mais actividade n'estes trabalhos é a de maio a junho, quando se colhem as rosas e as flôres da laranjeira. O tomilho, o alecrim e a verbena são productos de somenos importancia, que os lavradores cultivam em pequena escala para destillarem em apparatus muito simples, produzindo assim qualidades de essencias mais ou menos inferiores que servem para misturar com as boas essencias fabricadas nos grandes estabelecimentos situados nas localidades que acima mencionamos.

« O consul inglez em Marselha, tratando da cultura das flôres no sul da França, diz no seu ultimo relatorio: — que as condições de prosperidade d'este ramo de industria podem ser avaliadas por um exemplo. A propriedade de Seillans, no departamento do Var, méde apenas nove hectares e está situada na costa meridional das collinas approximadamente a dois mil pés acima do nivel do Mediterraneo e a uma distancia de trinta e dois kilometros da costa. O terreno calcareo era de sua natureza pobre, e o escasso rendimento que davam as oliveiras que n'elle cresceram durante um seculo ou mais, até 1881.

« O terreno era tão declivoso que as aguas de um manacial, que cae das rochas, não podiam ser bem aproveitadas para regas, julgando-se por isso quasi sem valor aquelle solo. Em 1881, resolveu o proprietario arrancar as oliveiras, e dispoz o terreno para a cultura de flôres, cavando-o até á profundidade de quatro metros, e removendo as pedras que lhe serviram para construir muros que sustentassem os socalcos em que dividiu a propriedade, abrindo na parte superior d'esses socalcos uma sanja com outras transversaes para conducção das aguas destinadas á rega.

« A desigualdade do declive pôde avaliar-se pelo facto de medirem mais de dois mil metros de extensão os muros levantados para sustentarem os diversos socalcos n'um espaço de pouco mais de sete hectares.

« Esses socalcos, dispostos como dissemos, dão uma superficie de sete hectares de terra bem preparada para culturas. No outono de 1881, plantou 45:000 violetas e 140:000 jasmims brancos, e na primavera seguinte rosas, geranios, jacinthos e junquillos, construindo tambem um laboratorio para destillação de perfumes.

As flôres cresceram vigorosas, e em 1885, ao 4º anno da installação, esse terreno, que apenas dava um rendimento calculado de 90\$000 reis, produziu em perfumes perto de 30:000\$000 reis, apresentando um lucro liquido superior a 6:000\$000 reis, o que prova a vantagem que pôde tirar-se da cultura de flôres em terrenos favoraveis e sob uma direcção intelligente.

« Das observações feitas em Seillans e em Grasse, onde as flôres para perfumes constituem a principal industria, deprehende-se que a condiçãõ essencial parece ser uma altitude de 500 a 2.000 pés. As flôres que crescem n'estes solos elevados consideram-se mais ricas em perfumes do que as cultivadas nos valles e terrenos baixos; um solo rico em elementos calcareos, uma situação abrigada dos ventos do norte e não exposta ás geadas, que na pri-